

## **Sobre a sala 14, uma mulher negra e flores**

**Danielle Antonelli Cardia**  
antonellicardia@gmail.com

Especialista em Psicologia Hospitalar e em Psicopatologia e Saúde Pública pela USP; Atua há 10 anos na Saúde Mental e há 15 como psicanalista no atendimento de adultos; docente do Curso de Medicina da Sociedade Israelita Albert Einstein.

Atravessamos rapidamente os corredores porque estávamos 15 minutos atrasadas para uma reunião, marcada para às 19h, na sala 14, de uma universidade. Nenhuma de nós fazia ideia de onde ficava a sala e pensamos em perguntar para algum estudante, mas tivemos que parar de repente porque já não era mais possível andar. A nossa frente, estava um mar. Não de água, mas de gente. Os organizadores da reunião haviam reservado inicialmente uma sala onde caberiam cerca de 60 pessoas. Ali estavam três mil! Três mil pessoas vieram para uma reunião cujo cartaz era uma foto de Marielle com o tema “Construindo a Resistência”. Isso aconteceu no dia 01/11 de 2018, uma quinta-feira, quatro dias após a eleição do novo presidente.

Porém, eu devo voltar ao início, dias antes dessa reunião. E, no início, o que apareceu foi o pior do humano, a barbárie vociferada em palavras como:

“Mulheres são produto de uma fraquejada no ato sexual”;

“Negros de quilombos não servem nem para procriar”;

“Prefiro ter um filho morto em um acidente do que um filho gay”;

“Meus filhos jamais vão namorar uma negra porque foram bem educados”;

“O problema da ditadura foi ter torturado e não matado”.

O que estava velado no nosso país, escancarou-se em um político e seus seguidores. O racismo nunca deixou o Brasil, nem o machismo ou a xenofobia, mas as máscaras estavam caindo e fomos obrigados a ver.

E, quando vimos o horror ao nosso lado, entre nossos familiares, amigos, nas redes sociais, na fila do pão, nos desesperamos. E, então, relações foram abaladas, famílias separadas, amizades rompidas. Sair na rua com tal camiseta passou a causar medo, defender tal ideia poderia te colocar em maus lençóis. Da aparente evolução que nossa sociedade parecia estar presenciando nos últimos tempos, com o empoderamento das mulheres, dos negros e LGBTQs, nos vimos retrocedendo para tempos sombrios.

A incitação ao ódio foi ganhando espaço, pessoas foram agredidas e mortas, e, novamente, foi o negro, a travesti e o pobre quem pagou o preço mais alto.

Medo, desespero, injustiça e angústia passaram a fazer parte do nosso dia a dia. E aqueles que estavam quase indiferentes a tudo isso também nos causavam espanto. Como alguns conseguiam seguir a vida, não se afetar, diante da barbárie explodida a nossa frente? Como permanecer indiferente quando alguém se sente no direito de dizer em alto e bom som que o general Ustra deve ser enaltecido?

E, por fim/começo, 50 milhões de brasileiros elegeram um fascista, autoritário, ditador, um grande pai que prometeu livrar o país do bode expiatório, como em um passe de mágica, realizando o desejo e a fantasia infantil dos seus eleitores. Pobre país com sua autoestima no chão, palco perfeito para a manipulação, a incitação ao ódio voltado a um inimigo comum e às minorias.

Mas do caos também nasceu a cor.

A maior manifestação organizada por mulheres na história do Brasil aconteceu e teve início com uma mulher negra da periferia, que conseguiu reunir 4 milhões de seguidoras na rede social. Na manifestação #EleNão, estavam presentes não apenas mulheres, mas homens, idosos e crianças, havendo música, dança e amor! Em um clima de solidariedade, a #EleNão fez história e a esperança ressurgiu novamente. O lilás enfeitou as cores das ruas cinzas de São Paulo, Rio, Salvador e de outras 114 cidades no Brasil e no mundo.

Enquanto famílias de sangue eram rompidas, vimos nascer o surgimento de famílias criadas por afinidade e até um Natal dos excluídos foi planejado. Enquanto candidatos falavam em nome de um único Deus, nas reuniões juntavam-se respeitosa e católicos, evangélicos, umbandistas e ateus. Enquanto se criticava sem qualquer embasamento e critério a Lei Roaunet, a arte deu o seu grito e nos salvou em momentos de desespero.

Pessoas que até então estavam vivendo suas vidas, lutando para pagar as contas no final do mês, passaram a sair de suas casas e de seus umbigos, e olharam para o outro, para os outros, para o coletivo. E, nesse movimento de sair de si, curiosamente, terminaram por se reencontrar. A vida, antes aut centrada e fechada em si, foi se abrindo a novas possibilidades. Indo para a rua ao encontro do outro, começou-se novamente a entender que pouco se faz do sofá de casa. Os finais de semana, e todo e qualquer horário “livre”, passaram a ser usados em conversas com pessoas na rua e, para alguns, se deu o desvelamento de uma cidade e de um país repleto de *slams*, *saraus*, *ongs*, *ações* e *sonhadores*. Grupos foram sendo formados ou encontrados. “Não estou só”. Não estamos sós.

Foi, portanto, preciso aparecer o caos, o estrume, o pior, para que a flor pudesse nascer. E aconteceu. Um reencantamento com a política, com novas formas de se relacionar, com o exercício de ser cidadão e estar no mundo. Um reencantamento pela luta e por um sentido maior na vida.

Não há cegueira no encantamento, não há inocência tão pouco. Contudo, não devemos jamais nos esquecer da força que cada um de nós tem quando estamos juntos e ao nosso lado temos

Alegria

Resistência

Arte

Desejo

Amor

Luta

Esperança

